

GLAMOUR E PRECARIZAÇÃO NA PRAÇA TIRADENTES: METÁFORAS, TEMPORALIDADE E NARRATIVAS DE UM LOGRADOURO PÚBLICO

JESUS MARMANILLO PEREIRA¹

ANA PAULA PEREIRA PINTO²

RESUMO

Tendo como recorte o cenário urbano de Imperatriz-MA, e mais especificamente a Praça Tiradentes, o presente estudo tem como ponto de partida a busca de uma aproximação entre Antropologia e a noção de metáfora, com o objetivo de analisar as relações entre as narrativas fornecidas pelos atores sociais que dinamizam aquele lugar e os diferentes itinerários pessoais e contextos temporais. Nesse exercício, nos valemos das contribuições de autores como Lakoff e Johnson (1986), Kövecses (2010), Geertz (1989) e Turner (2008; 1986), por meio dos quais buscamos problematizar a experiência e os significados do lugar para os atores sociais entrevistados e para a nossa própria atitude de pesquisa. Para tanto, recorreremos aos diálogos estabelecidos com antigos moradores, com trabalhadores atuais, produção de imagens e observação direta, a fim de explorar as potencialidades analíticas das metáforas em relação às narrativas.

PALAVRAS-CHAVE

Metáforas; Antropologia Urbana; Imperatriz-MA.

GLAMOUR AND PRECARIOUSNESSE IN TIRADENTES SQUARE: METAPHORS, TEMPORALITY AND NARRATIVES OF A PUBLIC PLACE

ABSTRACT

Taking as a cut-off the urban scenario of Imperatriz-MA, and more specifically Praça Tiradentes, the present study has as its starting point the search for an approximation between Anthropology and the notion of metaphor, with the purpose of analyzing the relations between the narratives provided by the social actors that dynamize that place and the different personal itineraries and temporal contexts. In this exercise, we use the contributions of authors such as Lakoff and Johnson (1986), Kövecses (2010), Geertz (1989) and Turner (2008, 1986), through which we try to problematize the experience and the meanings of the place for the actors and our own research attitude. To do so, we used the dialogues established with former residents, with current workers, production of images, and direct observation, in order to explore the analytical potentialities of metaphors in relation to narratives.

KEYWORDS

Metaphors; Urban Anthropology; Imperatriz-MA.

¹ Professor da Universidade Federal do Maranhão (Campus- Imperatriz).

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências /Humanas da Universidade Federal do Maranhão.



GLAMOUR Y PRECARIZACIÓN EN LA PLAZA TIRADENTES: METÁFORAS, TEMPORALIDAD Y NARRATIVAS DE UNA ÁREA PÚBLICA

Como referencia se utiliza el escenario urbano de Imperatriz-MA, y más específicamente la Plaza Tiradentes, el presente estudio tiene como punto de partida la búsqueda de una aproximación entre Antropología y la noción de metáfora, con el objetivo de analizar las relaciones entre las narrativas proporcionadas por los actores sociales que dinamizan ese lugar y los diferentes itinerarios personales y contextos temporales. En ese ejercicio, nos valemos de las contribuciones de autores como Lakoff y Johnson (1986), Kövecses (2010), Geertz (1989) y Turner (2008; 1986), por medio de los cuales buscamos problematizar la experiencia y los significados del lugar para los actores sociales entrevistados y para nuestra propia actitud de investigación. Para estos fines, recurrimos a los diálogos establecidos con antiguos pobladores, con trabajadores actuales, producción de imágenes y observación directa, a fin de explorar las potencialidades analíticas de las metáforas en relación a las narrativas.

PALAVRAS CLAVE

Metáforas; Antropologia Urbana; Imperatriz-MA

GLAMOUR ET PRECARISATION SUR LA PLACE DES TIRADENTES: MÉTAPHORES, TEMPORALITÉ ET RÉCITS D'UNE RUE PUBLIQUE

RÉSUMÉ

Revenez-y maintenant pour voir les villes de Imperatriz-MA, et plus particulièrement pour la Praça Tiradentes, pour vous informer de la façon dont vous l'avez choisie, et pour laquelle vous souhaitez un aperçu complet de la lecture, la lecture, la lecture, la lecture, la lecture ou la lecture il a fallu attendre 70 ans (2010) pour commencer à jouer dans les sociétés que nous connaissons et quelles que soient les routes, les itinéraires et les contextes temporaires. Nesse exercí, nos contribuições aux contribuições d'auteurs provenant de Lakoff et Johnson (1986), Kövecses (2010), Geertz (1989), Turner (2008; e Signes significatifs pour les personnes sociétales et pour les personnes défavorisées. Atitude de pesquis. Parlez-en à chaque fois que des informations sont disponibles sur les antécédents, les objectifs, les produits, les images, les objectifs, les résultats de recherche, les informations sur les performances, la qualité de la lecture et la narration.

MOTS-CLÉS

Métaphores; anthropologie urbaine; Imperatriz-MA.

INTRODUÇÃO

Porque estudar as praças? Podemos dizer que tal questionamento foi o ponto de partida para a produção do vídeo, de 17 minutos, intitulado “Cidade como laboratório social: uma experiência de vídeo etnográfico em Imperatriz”. Trata-se da primeira tentativa videográfica com discentes do curso de licenciatura em Ciências Humanas\ Sociologia do Campus II da Universidade Federal do Maranhão, e mais especificamente, dos primeiros membros do recém criado Laboratório de Pesquisas sobre Cidades e Imagens³. Passado, aproximadamente, um ano após a publicação do vídeo na Revista Visagem⁴, retornamos para os materiais coletados (e para as lembranças daquele exercício) para pensarmos a Praça Tiradentes e refletir sobre a produção de sistemas metafóricos em nossa inserção em campo e na produção dos diferentes significados atribuídos ao lugar, pelos atores sociais. Assim, consideramos a hipótese de que a praça pode ser compreendida como um cenário constituído a partir do encontro de uma série de imagens e experiências que ultrapassam aquelas territorialidades, e se conectam com outros tempos e espaços que permeiam as subjetividades dos atores e uma série de fatores de ordem mais estrutural.

Trata-se de um esforço de pensar o logradouro público como uma metáfora da complexa sociedade e, também, de alguns itinerários que conferem sentidos ao local. Enfim, como lugar de negociações, tensões e inserções de diferentes experiências que articulam com elementos do presente e do passado marcados naquele lugar. Nesse caminho, o presente texto visa desenvolver uma análise entre registros narrativos e as metáforas, a fim de refletir sobre a relação entre temporalidades e relações sociais, naquele espaço.

Para esse exercício nos valem, principalmente, das leituras de Lakoff e Johnson (1986) que compreendem que a metáfora impregna a vida cotidiana e não apenas a linguagem. Tratar-se-ia de um processo que ocorre no pensamento, mas que possui uma refração na maneira como as pessoas percebem o mundo e se relacionam umas com as outras. Por outro lado, esses autores (da lingüística e da filosofia) também apontam que existe uma coerência entre os valores da cultura e a estrutura metafórica dos conceitos que a fundamentam. Em perspectiva similar, Kövecses (2010) entende a relação entre os dois domínios como constituída no âmbito do significado, pois as operações cognitivas são comuns aos dois processos de oferecer sentido tanto à experiência quanto aos processos lingüísticos. O próprio autor faz menção à noção de cultura de Geertz (2008) pautada no aspecto semiótico, interpretativo e que busca o significado. Além disso, vale ressaltar que

³ <http://www.laepci.ufma.br/>

⁴ http://www.ppgcs.ufpa.br/revistavisagem/edicao_v2_n1/videos/cidade-como-laboratorio-social/01_jesus.pdf

para esse antropólogo a ciência também opera por meio de metáforas, e por isso necessita se renovar a fim de se adequar os novos sistemas de significados. Já Turner (1986) ressalta que todo ato humano está cheio de significados que surgem quando tentamos mobilizar a cultura e a linguagem, na articulação entre imagens e experiências do passado que são “revividas” e articuladas com o que pensamos e sentimos no presente.

Por meio desses referenciais, analisamos um conjunto de fontes compostas por sete recortes de jornais das décadas de 1970 e da última década, para compreender alguns fatos que marcaram a história da Praça, de diálogos gravados com três informantes que viveram alguns eventos nos tempos em que o logradouro era preponderantemente para recreação e lazer, e de outros quatro com atores sociais que vivem o cotidiano local dos últimos 15 anos. Articulando tais dados com o referencial, sistematizamos o texto em três partes onde serão abordados: 1) um breve referencial que busca estabelecer relações entre a metáfora e as interpretações antropológicas, 2) uma descrição do cenário da Praça segundo antigos moradores da região, e 3) as percepções do local segundo os trabalhadores.

LINGÜÍSTICA, ANTROPOLOGIA E METÁFORAS

Nas primeiras folhas do livro “A metáfora da vida cotidiana”, Lakoff e Johnson iniciam seu argumento principal com a afirmação “Nosotros hemos llegado a la conclusión de que la metáfora, por el contrario, impregna la vida cotidiana, no solamente el lenguaje, sino también el pensamiento y la acción” (LAKOFF e JOHNSON, 1986, p.39). Para eles, os sistemas de conceitualização utilizados pelos homens para pensar e agir são de natureza metafórica, ou seja, baseiam-se em um exercício cognitivo que orienta os homens na maneira de se relacionar com outros, na forma como percebem o mundo e, portanto, na definição das realidades cotidianas.

Compreendendo que a essência da metáfora seja a “experimentação de um tipo de coisa em termos de outra”, os autores demonstram um conceito metafórico com a expressão “a discussão é uma guerra”, ressaltando como ela pode ser reflexo de uma linguagem do cotidiano, que pode orientar um modo de agir similar ao tomar argumentos como ataques ou contra-ataques, defesa, ganho ou perda. Enfim, essa metáfora expressa na forma de pensar pode ser visualizada em um comportamento cotidiano orientado para a possibilidade de existência de apenas um vencedor, em um contexto em que o debate é tomado como “campo de batalha”.

Ainda com esse exemplo, Lakoff e Johnson (1986) ressaltam que as discussões e debates geralmente seguem modelos de comportamento (conceitualizados mentalmente) que influenciam diretamente na linguagem, já que esses também se expressam por meio de metáforas. Assim, a metáfora “uma discussão é uma guerra” remontaria a certas expressões

e vocabulários de guerra que alimentariam as possibilidades de uma comunicação carregadas de aspectos bélicos.

Nesse sentido a metáfora não seria algo restrito à linguagem escrita ou falada, mas também as posturas e ações diante de determinadas situações. Assim, as formas de expressão metafóricas da linguagem cotidiana não estariam apartadas de nossas próprias atividades cotidianas (LAKOFF, JOHNSON, 1986). No âmbito das Ciências Sociais, o Antropólogo Clifford Geertz (2008) enfatiza a necessidade dos pesquisadores buscarem leituras sobre as metáforas, como forma de refletirem sobre a importância dessa prática para a compreensão do mundo social. Segundo ele:

“A ausência de tal teoria e, em particular, a ausência de qualquer arcabouço analítico dentro do qual se possa lidar com uma linguagem figurativa é que reduziu os sociólogos a uma situação tal em que só vêem as ideologias como gritos de dor elaborados. Sem uma noção precisa de como funcionam a metáfora, a analogia, a ironia, a ambiguidade, o trocadilho, o paradoxo, a hipérbole, o ritmo e todos os outros elementos do que chamamos, de forma pouco convincente, de "estilo" — e, na maioria dos casos, sem reconhecer sequer que esses artifícios têm importância na apresentação das atitudes pessoais em forma pública — faltam aos sociólogos os recursos simbólicos a partir dos quais poderiam construir uma formulação mais incisiva” (GEERTZ, 2008, p.117, grifos nossos).

O autor chama atenção para a importância das metáforas, e outras figuras de pensamento em relação às atitudes pessoais em situações públicas. Trata-se de estratégias que permitiriam alcançar a relação entre os sentidos da ação e dos pensamentos, em suas manifestações metafóricas. No âmbito do fazer científico isso significaria um abandono das metáforas das ciências naturais e exatas para se pensar uma prática etnográfica pautada naquele viés de cultura semiótico, defendido pelo autor.

A riqueza metodológica da Metáfora, para Geertz, estava no fato dela gerar a mobilização dos significados. Assim, se para Lakoff e Johnson (1986) ela significava experimentar um tipo de coisa em termos de outra, o antropólogo norte americano observa que a metáfora possui várias camadas sobre o significado o que lhe possibilita produzir uma adequação de sentido que produz influência na significação de outro, o que gerou incômodo entre filósofos e cientistas. Portanto, "ela afirma sobre uma coisa que esta é outra completamente diferente. E, pior ainda, ela tende a ser mais efetiva quando é mais errada" (GEERTZ, 2008, p.119).

“Fugindo” de qualquer operação literal, a metáfora é um recurso que antagoniza com as interpretações simples e denotativas, exigindo um exercício de abstração, talvez algo próximo da geometrização da realidade proposta na epistemologia de Bachelard (1996), ou naquelas metodologias que sempre explicitam o esforço de afastamento das pré-noções e informações evidentes da primeira observação pueril. Nessa perspectiva de exercício

cognitivo, Geertz explica que “O poder da metáfora origina-se precisamente da influência recíproca entre os significados discordantes que ela força” (GEERTZ, 2008, p.119).

Segundo Dawsey (2009) a antropologia de Clifford Geertz se caracterizaria por gerar interpretações da cultura a partir de metáforas de textos e histórias de narradores. Fato esse que pode ser observado em sua clássica etnografia sobre a briga de Galos Balinesa, onde o autor fala de uma identificação psicológica dos homens balineses com os galos e conclui que “é apenas na aparência que os galos brigam ali - na verdade, são os homens que se confrontam” (GEERTZ, 2008, p.188). O autor explica que os galos sinalizam uma forte simbologia masculina que se expressa em uma linguagem cotidiana sistematizada em torno de significados relacionados ao heroísmo, virilidade, vitorioso, durão, conquistador entre outros que compõem um sistema de conceitos metafóricos. Sobre a relação entre homens e galos ele explica:

“Mas a intimidade dos homens com seus galos é mais do que metafórica. Os homens balineses, ou grande maioria deles pelo menos, dependem um tempo enormes com seus favoritos, aparando-os, alimentando-os, discutindo sobre eles, experimentando-os uns contra os outros, ou apenas **admirando-os, com um misto de admiração embevecida ou uma auto-absorção sonhadora**” (GEERTZ, 2008, p.189, grifos nossos).

Nesse ponto, o autor chega justamente à questão simbólica que é possível ser apreendida por meio dessas operacionalizações metafóricas, quando são demonstrados o trânsito de vários significados entrelaçados em torno da briga de galos, dos homens e da sociedade balinesa.

Turner (2008) também nos chama a atenção para a problematização das metáforas nas ciências humanas, que teriam uma forte tendência orgânica legada das ciências naturais, trazendo uma série de termos como desenvolvimento, crescimento, patologia, decadência, degeneração e outros que referenciam um sistema de conceitos atrelados aos ciclos de vida de plantas e dos organismos, carregando, portanto, significados literais e empíricos. Segundo o autor:

“Quando aplicados a fenômenos sociais e culturais, essas palavras não são literais. São metafóricas. Portanto, elas podem ser enganadoras, e ainda que chamem a nossa atenção para algumas propriedades importantes da existência social, podem bloquear nossa percepção para outras. **A metáfora de sistemas sociais e culturais como máquinas, popular desde Descartes, é igualmente enganadora**” (TURNER, 2008, p.21, grifos nossos).

Nessa linha, o autor faz uma forte crítica à metáfora biológica presente no funcionalismo sociológico e busca definir seu próprio modelo metafórico em termos de drama. Se valendo dos estudos de Stephen C. Pepper, Max Black e Robert Nisbet, ele demonstra um interessante estudo sobre a metáfora radical, desenvolvendo sua relação com os processos de analogia e com repertórios sistemáticos de ideias utilizados para descrever territórios ainda desconhecidos. Grosso modo, tal explicação seria a base para

compreendemos o motivo pelo qual o autor fundamenta sua metáfora a partir de um modelo e estética da cultura e não da natureza. Sobre os dois antropólogos cabe ressaltar que:

“Turner se interessa pelo teatro desse teatro, ou metateatro da vida social. O olhar de Turner dirige-se para os momentos de **suspensão de papéis**. Na medida em que Geertz encontra na **cultura as histórias que pessoas contam sobre si para elas mesmas**, sua abordagem aproxima-se à de Turner. Ambos se interessam pelas dimensões extraordinárias do cotidiano e **pelos modos como as pessoas significam os seus mundos**” (DAWSEY, 2009, p.350).

Embora uma perspectiva valorize os processos de ruptura, reajuste e reintegração (drama), e a outra o viés da cultura e narrativas, ambas buscam os processos de significação e se valem de metáforas. Outro fato que pode ser destacado nesse processo é que influenciado pela hermenêutica de Dilthey, Turner considera quatro momentos para descrever a experiência vivida: 1) quando algo (que gere dor ou prazer) caracterizado pela percepção interrompe a rotinização do comportamento; 2) as imagens e experiências do passado são mobilizadas; 3) as emoções relacionadas aos eventos do passado são revividas; 4) ocorre uma articulação entre passado e presente como uma necessidade de encontrar significado no fato que causou a mudança de rotina, produzindo assim uma experiência (DAWSEY, 2009; TURNER, 1986). Temos assim, um raciocínio metafórico que articula algo vivido ao “novo”, por meio da mobilização de idéia.

Nos estudos urbanos brasileiros, as metáforas podem ser observadas, de modo geral, em vários casos, como por exemplo, no clássico “Sobrados e Mucambos”, de Gilberto Freyre, que analisa a decadência da sociedade patriarcal se valendo de um conjunto de termos que eram comuns na cultura canavieira e que representam um conjunto de práticas sociais e culturais que emergiam na cidade de Recife. Sobrados para representar as famílias tradicionais, mucambos para os ex-escravos, a praça para representar a modernização e as mudanças do capitalismo e o engenho para a cultura patriarcal. Termos que marcam a experiência e a história local e que foram pensados em termos de uma metáfora da modernização das cidades. Em caminho similar, também se compreende que “A praça [...] representa os aspectos estéticos da cidade: é uma metáfora de sua cosmologia” (DAMATTA, 1997, p.94).

Seguindo o pensamento de DaMatta (1997) e considerando a abordagem metafórica, podemos dizer que, quem observa a praça pode, também, ver a cidade, a casa e as ruas. Isso quando ocorre a transposição de ideias e experiências entre tais espaços, algo que pode ser observado nas atitudes e linguagem que os atores sociais estabelecem em suas relações cotidianas. Temos nisso um processo no qual eles se valem de experiências passadas para analisar situações presentes, relacionando diferentes temporalidades, emoções e ideias com modos de agir.

Dentro desse jogo de temporalidades, buscaremos relacionar as narrativas dos atores sociais com diferentes temporalidades e experiências na praça, buscando refletir e compreender a convergência das metáforas e significados nas relações sociais estabelecidas na Praça Tiradentes.

UM CENÁRIO E MUITOS SENTIDOS

Segundo Sanches (2003), a Praça Tiradentes é um logradouro público localizado na Rua Coriolano Milhomem, centro de Imperatriz. Construída sobre uma área que servia como um campo de futebol, a referida praça surgiu com uma área de 2.945,96m², dos quais 2.103,73m² eram gramados e o restante cimentado. Esse espaço público foi produzido pelo prefeito Raimundo de Moraes Barros, no ano de 1959, em homenagem ao mártir da inconfidência mineira. Atualmente o espaço da praça se limita a um quarteirão de 80 por 70 metros, cuja parte do espaço ainda foi ocupada para a construção do terminal integrado de ônibus.

Em 1971 esse logradouro público sofreu seu primeiro desmembramento quando o prefeito Renato Cortez Moreira aprovou a lei municipal nº 08/71 que autorizava o poder executivo local a doar o terreno para que a Secretaria de Saúde do Estado do Maranhão construísse ali uma unidade hospitalar. Por meio dela foram doados 50 metros paralelos à Rua Coriolano Milhomem e 50 metros na Rua BR-14, atual Dorgival Pinheiro⁵. Mesmo com o recorte, Noleto (2008) observa que, naquele contexto, a Praça Tiradentes ainda era o maior espaço “vazio” da cidade. Não por acaso era o local de instalação do Masteres Show Circus⁶ que em fevereiro de 1972 estava montado na Praça Tiradentes, oferecendo espetáculos com trapezistas, malabaristas e outros entretenimentos para os cidadãos daquela década.

No mesmo ano de 1972 o referido logradouro público foi palco de uma tensão entre o prefeito Renato Moreira e a população local, pois em 1972 o prefeito vendeu o terreno para o empresário Davi Teixeira Alves, de Brasília, que se propunha a construir um hotel naquela área. A mobilização popular culminou com uma medida liminar, produzida pelo Juiz Ribamar Fiquene, que exigia a reincorporação da Praça ao patrimônio público. Sobre esse fato é possível verificar a notícia:

“Juiz da 1ª vara concedeu medida liminar contra a Prefeitura local, mandando **sustar as obras iniciais da construção de um hotel na Praça Tiradentes. O edifício seria construído por um grupo do sul dentro dos moldes mais moderno.** Ocorre que o local escolhido para a construção não foi achado dos mais indicados. Daí a medida judicial contra o ato de aforamento do terreno” (O Progresso, 10 de dezembro de 1972, grifos nossos).

⁵ Jornal o Progresso de 18 de abril de 1971.

⁶ Anúncio obtido no Jornal o Progresso de 20 de fevereiro de 1972.

Em uma tensão entre a percepção do lugar como espaço público e como investimento em uma área central, a Praça Tiradentes como a conhecemos hoje é completamente distinta daquela observada na década de 1970 e simbolizava projetos distintos para a cidade. Em termos de delimitação espacial podemos ter uma ideia, basta verificar os seguintes trechos:

“O gerente da empresa Brasileira de Correios e Telégrafos nesta cidade comunica às autoridades, ao comércio e ao público em geral, que a partir do dia 22 do corrente (sábado), os serviços postais e telegráficos passarão a funcionar em sua nova agência situada à **Avenida Dorgival Pinheiro de Souza, antiga BR-14, canto com a Praça Tiradentes, em modernas instalações para melhor atendimento aos seus clientes**” (O Progresso, 23 de julho de 1972, grifos nossos).

“Por outro lado, os suínos, que vivem soltos nas ruas, aproveitam para dali fazerem seus banheiros, inegavelmente constituindo perigo para a população local, criando um ambiente que pode trazer doenças contagiosas. Para exemplificar, vou citar um desses banheiros é o que **fica no canto da Praça Tiradentes, indo para o estádio**” (O Progresso, 4 de abril de 1971, grifos nossos).

Os dois informes presentes no periódico “O Progresso” nos trazem uma idéia dos antigos limites da Praça e também um antagonismo de situações, pois enquanto o lado exposto para o centro estava recebendo as modernas instalações dos correios e do hospital, o canto mais afastado estava entregue aos porcos. Dois anos depois, em 1973, a Praça passou por uma reforma que foi comentada por um leitor com pseudônimo “Juredo”, que assim escreveu para o jornal:

“Mais adiante temos uma praça em conclusão (a Tiradentes) **que será a maior delas e promete de já tornar-se um apazível local de recreação. Pena que seu traçado tenha sido cortado por uma rua (Rua João Lisboa) por onde naturalmente não deixarão de passar automóveis, coisa temerária num local destinado ao lazer principalmente de crianças. Também está mal localizada, escondida por detrás do já tristemente famoso “Otávio Passos”**” (O Progresso, 25/08/1973, grifos nossos).

As palavras do leitor Juredo já demonstram uma preocupação distinta para o lugar, focada na qualidade de vida da população, principalmente das crianças. Os carros e o hospital aparecem como elementos prejudiciais à existência da própria Praça. Se em 1973 havia esse incomodo pelo fato da Praça estar localizada atrás de um hospital, o que falar das mudanças ocorridas durante a década de 1990, quando o prefeito Ildon Marques realizou construção de um camelódromo, em 1996, e de um terminal de integração nas áreas daquele espaço público, em 1997? Atualmente, a Praça Tiradentes corresponde a menos de 1/3 daquela antiga área de 2.103,73m² e está localizada atrás do terminal de integração da cidade. Ao observar a imagem 1 é possível observar o tamanho original do terreno, destacado em amarelo, e as construções e apropriações que foram sendo realizadas ao longo dos anos.

Fig. nº 1: Área original e área atual da Praça Tiradentes



Fonte: Google Earth, 2016.

Se atualmente a área pode ser caracterizada como uma área subtraída, abandonada e escondida entre um camelódromo, um hospital (regional) e a integração de ônibus, é importante salientar que pelos jornais é possível verificar que a Praça Tiradentes já foi um local bastante freqüentado por estudantes do centro da cidade, famílias, e também local de eventos como o circo, comícios políticos e festividades. Para se ter noção, basta verificar que foi a praça escolhida para a realização de um comício da ARENA, em 1970, conforme demonstra trecho:

“Bastante concorrido o comício da ARENA, com vários oradores lutando pela preferência do eleitorado. **Quando Sarney iniciou seu discurso, a Praça Tiradentes** que é iluminada por rede particular ficou de repente às escuras, dando ensejo a que populares perguntassem ao ex-governador “onde está a luz?” - Aproveitando a oportunidade, La Rocque dirigiu-se ao Governador Pedro Neiva de Santana para pedir que Imperatriz seja dotada de energia elétrica” (O Progresso 2 de outubro de 1970, grifos nossos).

Esse tipo de percepção e imagem de um lugar que recebia circos, eventos e que agregava pessoas também foi verificado nas narrativas de antigos moradores do local, como, por exemplo, Wallace Cardoso, de 33 anos, que morou em uma residência em frente à Praça até 1992, quando tinha 7 anos de idade. Ele recorda da tranquilidade do local que foi onde aprendeu a andar de bicicleta, pois era uma praça bem ampla e que possuía alguns quiosques. Lembra dos circos e diz que chegou a ir ao Masteres Show Circus e que era um circo grande. E fala: “Nessa Praça, a gente tinha um vizinho que tinha um buggy. André o nome dele. E aos domingos ele andava com a gente no buggy ao redor da Praça e ensinava a gente a dirigir” (CARDOSO, diálogo ocorrido em 30 de maio de 2018). Ao comentar sobre os recortes e mostrar o anúncio do Masteres Show Circus, o informante lembra que, naquela época, a praça traz muitas recordações, apesar de todas as mudanças ocorridas naquele lugar ao longo dos anos. Nesse contato, percebemos o processo de construção de significado, quando nosso informante, a partir de um estímulo, busca nas memórias e mobiliza emoções para articular as duas temporalidades e ideias a respeito daquele lugar. Por fim ele comenta: “Meu pai aos domingos saía com a gente para andarmos de bicicleta. Fazíamos o trajeto pelas praças. Praça Tiradentes, Praça Mané Garrincha (totalmente diferente do que é hoje), Praça da Cultura e voltávamos para casa” (CARDOSO, diálogo ocorrido em 30 de maio de 2018).

Uma das nossas entrevistadas, que podemos destacar, é a dona Cecília de quase noventa anos. A mesma foi escolhida por já ter mais de 50 anos morando na rua Souza Lima, paralela à Praça analisada. Dona Cecília veio para Imperatriz aos 33 anos de idade, no dia 13 de outubro de 1961, ela é natural de São João dos Patos, no Maranhão, tendo migrado primeiramente para São Domingos e, posteriormente, para Imperatriz. Veio à cidade sob a influência de seus tios que já habitavam ali. Com o tempo, grande parcela de seus parentes também vieram fazer morada na mesma. Adquiriu, com o tempo, a profissão de costureira, que passou a ser sua fonte de renda na cidade. Em um diálogo com ela e a neta indagamos sobre a visita na referida praça, e obtivemos as seguintes respostas:

Ah essa praça... eu levava elas (as netas) pra lá quando elas eram pequenas, ela e outra irmã. Lá tinha um negócio de fazer carnaval aí eu levava elas.

Jesus: tu viveu tua infância aqui? (para a neta)

Neta: Quando eu cheguei aqui, eu era criança, só que eu vinha pra casa da vó, mas aí eu vinha pra cá, pra ficar na casa da vó, e eu ia justamente pra praça com a minha prima. Trabalhava na ... bem na pontinha onde é o táxi ali, eu vivia um pouco mais pra cá onde fizeram a integração, meu amigo tinha umas barraca dali...

Jesus: eu ouvi dizer que era bem badalado.

Neta: é, na verdade você via as pessoas sentadas no banco conversando, os adolescentes, os jovens, as crianças iam pra ali

Ana: Comentei que uma senhora me falou que as pessoas iam pra lá pra namorar

Neta: hoje isso não tem mais, hoje você vai lá... eu vinha pra cá e ia pra praça

Neta: eu ainda vivi numa época em que as praças de Imperatriz ainda funcionavam, agora não tem mais, a não ser a Meire de Pinho que tem algum movimento.

(CECÍLIA, Diálogo realizado em janeiro de 2018, grifos nossos)

De forma similar, há uma relação entre ideias e lembranças das práticas sociais que eram experienciadas antes, com a situação atual das praças. Vale ressaltar que a neta de dona Cecília tem uma faixa de 33 anos de idade e que traz uma recordação associada ao trabalho do amigo e à concentração de jovens nos bancos da Praça. Os significados são distintos; para a matriarca da família significa a boa lembrança de passear com a neta, algo bastante expressivo em suas primeiras palavras (ah essa praça...) que trazem toda uma conotação de nostalgia do passado.

Atualmente, o único símbolo que se remete ao antigo lugar, guardado nas memórias e na experiência de muitos, é o coreto que já não possui uma posição central naquele espaço, que ficou desproporcional com a subtração de uma área para a construção da integração. Sobre esse indicador empírico de memória coletiva (HALBAWCHS, 2006) que nos remete a tempos notáveis em que a praça era algo completamente distinto do que é atualmente, é importante considerar o seguinte relato:

Era uma Praça belíssima, Jesus. Muito Grande. A gente brincava muito lá. O coreto era lindíssimo. Lembro-me bem. Brincávamos muito lá dentro. Minhas irmãs brincavam muito de casinho no coreto (CARDOSO, diálogo ocorrido em 30 de maio de 2018, grifos nossos).

A diferenciação de significados é algo comum presente nas narrativas desenvolvidas por atores sociais que tiveram a experiência de vivenciar a Praça até antes da construção do camelódromo e do terminal de integração. As mudanças nas práticas sociais refletem um processo metafórico que associa o espaço a diferentes sentidos, a depender da temporalidade: 1) Praça Tiradentes como local de lazer e recreação, que possibilita boas lembranças (até início da década de 90) e 2) Praça Tiradentes como local de abandono (após a década de 1990). Uma carregada de valores sociais que evidenciam a construção de espaços de lazer e socialização, e outra que traz uma noção de espaço a ser apropriado pelos empreendimentos econômicos de diferentes níveis. Sobre a situação atual do coreto, além de observarmos facilmente o estado de abandono, podemos também nos valer das palavras da vendedora Francisca Silva que explica que “o coreto, que antes foi um dos mais belos pontos da Tiradentes, geralmente se torna moradia para moradores de rua. Os banheiros não oferecem estrutura para atender a população” (O Correio Popular, 20 de outubro de 2016).

Atualmente, a pequena Praça Tiradentes é cercada por antigas residências (no lado da Simplício Moreira), pelo hospital regional de um lado e pelo camelódromo do outro. O limite do logradouro com a Rua Coriolano Milhomem deixou de existir com a construção do terminal de integração de ônibus. Dessa forma, a amplitude da grama da área verde (Imagem

1) cedeu espaço a uma concentração de edificações que tornou-a um espaço relativamente abandonado e frequentado por mendigos e usuários de drogas.

A localização no centro da cidade é um fator decisivo que explica não só esse processo de disputa em torno do espaço, mas toda a concentração de pessoas e serviços comerciais na área de entorno. Diferente de outros espaços de recreação cujo poder de atração de pessoas ocorre por conta de atividades esportivas e de lazer, a concentração atual de muitas pessoas no entorno da Praça Tiradentes ocorre por conta dos serviços oferecidos na região e, principalmente, por se constituir como um ponto de chegada dos ônibus. Por meio do terminal de ônibus e também por conta do hospital regional (atual maternidade) há uma série de pessoas que tem aquela área como ponto de chegada ou de partida para outros locais.

COMERCIANTES DA PRAÇA E METÁFORA DO TRABALHO

Valendo-se da ideia de que a essência da ideia de metáfora seja de experimentar uma coisa em termos de outra, ou da metáfora radical que, segundo Black (apud Turner, 2008), seria um repertório de ideias por meio do qual se descreve por extensão analógica um território no qual aquelas ideias não se aplicam literalmente, cremos que o primeiro contato com o local foi extremamente marcado por metáforas e analogias orientadas pelas leituras realizadas em grupo. Mesmo quando não articuladas as leituras, o exercício prático foi tenso e marcado nessa busca de territórios e experiências que possibilitasse compreender os sentidos e significados que orientavam as ações e metáforas daqueles atores sociais.

Nos primeiros contatos, ao chegar sempre com dois ou três alunos, foi necessário estabelecer um diálogo em termos de preocupação com a situação da praça e valorização daquela experiência de contato entre os alunos e os atores sociais da cidade. Um contato que nos possibilitou construir um modelo de debate em torno da temática das dificuldades e mudanças ocorridas na Praça Tiradentes ao longo do tempo de experiência no lugar. Um exemplo de nossas diálogos pode ser observado na imagem 2.

Fig. nº 2: Diálogos com taxistas



Fonte: Lira, 2016.

A imagem capta o momento em que realizávamos um diálogo com o taxista James Oliveira que nos explicava que trabalha há oito anos no local, permanecendo lá das sete até as onze da manhã, quando vai pegar o filho na escola e almoçar em casa. Após isso, ele leva outros clientes por contrato para outras escolas e depois retorna para a Praça por volta de uma da tarde. Ele explica que ali criou um espaço para o estabelecimento de amizades com os colegas de trabalho e com clientes, que na maioria das vezes são oriundos do hospital regional ou são pessoas de fora que vieram comprar coisas na cidade⁷.

Enfim, quando relacionamos o registro imagético com as narrativas do próprio ator social é possível compreender a convergência das metáforas das relações sociais estabelecidas no espaço, e nas imagens feitas sobre ele. Assim, o referido ator social pode ser compreendido a partir das relações e pela forma como se organiza localmente, em

⁷ Sobre o acesso aos dados, é importante destacar que as falas desse ator foram obtidas com o auxílio da filmagem produzida por um ex-membro do Laepci, chamado Fausto Ricardo, que está de camisa verde na referida imagem 2, produzida por outro ex-membro do Laepci, chamado Marcos Moreira Lira.

função de determinados clientes ou relações de amizade. Na própria imagem ele é acompanhado de um colega de trabalho que embora tenha preferido não falar diretamente, em alguns momentos complementou o diálogo, participando de forma acessória. Nesse sentido, a imagem materializa um tipo de relação que ele mantém, e um conceito que possui a respeito do lugar.

Ao retornar, James de Oliveira permanece na Praça até às oito da noite. Ele conta que a maioria dos taxistas não trabalha de noite naquele ponto por conta da violência, que o companheiro ao lado (de camisa branca) já foi assaltado e foi uma situação traumática. Durante os oitos anos de experiência, ele não notou diferença alguma na questão urbanística e explica: “a gente vê que não houve mudança; agora, em termos de social do povo da praça, a mudança que tem acontecido é que muitas pessoas **desocupadas** na praça, os **mendigos** que ocupam a praça, tem mudança nesse sentido”.

A metáfora do trabalho como sucesso ou vitória material, e de ocupação como responsabilidade, pode ser compreendida como um elemento chave presente nas relações cotidianas entre os “trabalhadores” e os “desocupados”. Isso fica claro quando perguntamos sobre a importância daquele espaço na vida do taxista, obtendo a seguinte resposta: “Rapaz, eu particularmente assim, **no trabalho, assim nessa função de taxista, foi muito proveitoso na minha vida, pro orçamento familiar**”. Assim, em uma perspectiva de metáfora sociológica, a afirmação seria de trabalho como condição de existência e como socialização

Efetuamos outra entrevista com um senhor chamado Jaime (camisa amarela da imagem 2), que é baiano e que foi transferido para uma empresa de Imperatriz em 1988. Ele explica que chegou solteiro, mas que em Imperatriz conheceu uma paraibana com quem se casou, evidenciando um segundo motivo pelo qual se manteve na cidade. A chegada dele naquele local ocorreu em 2002, após todas as mudanças ocorridas sobre na Praça (já citadas anteriormente), e desde então ele trabalha no “Lanche Tiradentes” que fica ao lado do posto de taxi. Na imagem 2 é possível observá-lo trabalhando na montagem dos produtos do trailer. Quando perguntamos sobre a rotina de trabalho dele, temos a seguinte explicação:

*Rapaz, pela minha idade, que eu já vou fazer 60 anos agora no mês que vem, toda vida eu fui... trabalhei né? Eu gosto de trabalhar, eu gosto de levantar de manhã, **eu gosto, na verdade eu gosto**, mas é um trabalho cansativo e eu já trabalhei muito em interior, aí você sabe que a gente vai sentindo aqueles cansaço, aquelas dor, o negócio, **mas tem Deus no coração, a gente vence né? Porque tem que trabalhar pra pagar... conseguir o sustento né?... eu mesmo, porque se eu não trabalhar eu adoço, eu vou ficar em casa sem fazer nada? Num tem como não!** (grifos nossos).*

O trabalho é explicado por ele de diversas formas: ora como prazer, ora como necessidade. Aparece como uma metáfora de luta e de vocação associada às dificuldades do tempo e à necessidade. O semblante sério, o comportamento resignado e as ações cotidianas desse ator possuem todo o sentido dentro desse sistema de ideias, o que reforça

uma relação forte entre conceitos e vivências. O discurso de prazer pelo trabalho aparece, muito mais, como um sentido para continuar, do que como algo a ser compatível com o cansaço e faixa etária destacados por ele mesmo. Trata-se de um valor que é reproduzido socialmente por uma série de representações, mas que tende a esbarrar com as limitações físicas do entrevistado. Temos uma situação que exige uma reflexão profunda sobre os valores e limites atribuídos aos sentidos do trabalho e que instiga uma problematização sobre as próprias metáforas e contextos do trabalho, como por exemplo, trabalho como dignidade, trabalho como condição de existência, trabalho como aperfeiçoamento, trabalho como prazer ou como honra.

Outros sentidos que são somados a essas experiências podem ser relacionados à simbologia religiosa presente nas falas e reproduzidas no equipamento de TV de seu estabelecimento que toca, quase sempre, CDs e DVDs católicos com narrações de padres. Em determinado momento ouvimos a narração: “Por acaso eu sou um guarda de meu irmão? Javé disse: o que foi que você fez? Ouço o sangue de seu irmão emanando da terra” que saía do aparelho. Era o som ambiente daquela interação.

No estabelecimento vizinho tivemos contato com Neuma, que vive em Imperatriz há 25 anos e trabalha na Praça há 15 anos, também após todas as mudanças ocorridas no logradouro. Diferentemente do senhor Jaime, que chegou em Imperatriz amparado em uma relação de trabalho, Neuma conheceu Imperatriz por meio de um parente que veio antes, o que demonstra a importância das relações de parentesco nos processos de migração dela. Ela explica que Imperatriz é a “terra das oportunidades para quem tem vontade de trabalhar”, reafirmando uma ideia comum de trabalho como dependente das iniciativas individuais. Em termos de um diálogo sobre trabalho, os três atores sociais com quem tivemos contato parecem construir uma linguagem comum a respeito dos valores do trabalho. Tal fato pode ser verificado, na resposta de Neuma, quando perguntamos sobre a rotina laboral:

*Vida de lancheiro é puxado oh, chega mais ou menos umas cinco horas eu vou pra mercearia, mas enquanto tá aparecendo **ganho**, enquanto tiver, tamo ali, **na luta** até, num tem cansaço, na **luta** ali, vida de lancheiro é muito **puxado**, é **muito cansativo**, aliás toda profissão que você se dedica a ela é difícil (grifos nossos).*

Mais uma vez a metáfora da luta aparece. Uma luta contra o cansaço, tal como narra o sr. Jaime. Uma rotina cotidiana pautada na ideia de uma luta pelo ganho. A relação dos termos da linguagem utilizada e das ações e relações que observamos na informante também são baseadas na metáfora da luta. Em relação às mudanças ocorridas nos últimos 15 anos, Neuma explica:

***Essa praça aqui poderia ser uma praça mais estruturada pra receber esse povo de fora (...)** e aqui na frente no hospital vem gente de todo lugar e não tem estrutura, às vezes chega uma pessoa aí de fora e tem medo de sair aí fora por que*

tá vendo assim a bagunça na praça, porque era pra ser uma praça alimentícia com as barraquinhas, tudo bem feito, ter um lazer para as crianças ficar, nam, nada disso tem, por causa de quê? Aqui a cidade é grande, a cidade, mas num tem, o prefeito tem que ver essa bagunça, aqui era pra ser uma das praças mais bonitas que tem, era pra ser aqui, nada disso tem, tem esses lancheiros aqui que fica fazendo poucas coisas aí (grifos nossos).

A partir da experiência do trabalho e de chegada nos últimos quinze anos, a entrevistada percebe a praça como uma potencialidade centralizadora de pessoas de fora e de crianças, cuja concentração poderia ser vinculada a uma estrutura comercial mais sofisticada. Traz um conceito que só seria possível nos últimos vinte anos, após o avanço comercial sobre aquela área pública. Embora, assim como o entrevistado Wallace Cardoso cita a questão da relação entre a praça e uma estética da beleza, os significados são completamente diferenciados, pois emergem de uma experiência de infância e recreação, por um lado, e de trabalho e obtenção da sobrevivência, por outro.

Obtivemos contato, também, com uma cozinheira de um trailer, chamada Vanda, que tem 49 anos e é Imperatrizense. Ela nos explicou que trabalha como cozinheira há aproximadamente vinte e seis anos, tendo a experiência de dez anos de cozinha em um local conhecido como “Quatro bocas”⁸, nove anos no camelódromo vizinho à praça e aproximadamente sete anos na Praça Tiradentes. Nesse sentido, um diferencial apresentado no “Lanche da Vanda” são os almoços e churrasquinhos preparados lá mesmo. A fala dessa trabalhadora, ao mesmo tempo em que traz um prazer grande pelo ofício, demonstra também um descontentamento com os mendigos que ocupam a parte abandonada da Praça. Isso fica mais claro quando ela relata como é o cotidiano de trabalho:

A gente acorda 6:00 horas, chega aqui 7:30, aí abre, mas como cê tá vendo, esse cheiro de xixi, de vez em quando o vento traz, aí então, quando a gente chega cedo tá a maior sebosidade aqui [...]o que desinteressa aqui muito a gente é sobre esse pessoal que são drogado aí na praça, porque eles fazem cocô aqui no meio da praça. Eles mijam aqui no chão da frente do comércio da gente, nesses bancos mesmo da praça. A gente tem que tá lavando, e sem falar que a gente bota desinfetante, mas aquele mau cheiro num sai. Ele fica sempre incomodando...incomoda muito os clientes (grifos nossos).

Por todos os relatos da informante, verificamos que há certo orgulho com os vinte e cinco anos de experiência com cozinha, mas que a dificuldade são com as relações estabelecidas com os mendigos que dormem no coreto da Praça. Apesar de ela ter sido direta quanto a isso, observamos que os outros possuem um estado de alerta quanto a esse grupo de atores, por exemplo, o sr. James Oliveira disse que nunca teve dificuldades com o “pessoal de rua” que fica bebendo e usando drogas na Praça, pois eles nunca foram “bagunçar” e prejudicar a relação com os clientes.

⁸ Local próximo da esquina da Rua Bernardo Sayão com a rua Ceará, onde atualmente ficam barracas de comidas típicas, a exemplo da Panelada, também conhecida popularmente como Quatro Bocas.

Glamour e precarização na Praça Tiradentes

Quando perguntamos sobre a estrutura urbanística da Praça, não por acaso essa experiência de sra. Vanda vem à tona, especificamente na relação entre o coreto e os mendigos. Contudo, faz menção ao coreto tomando-o como banheiro, por conta da estrutura mais ampla e função daquela edificação.

Fig. nº 3: Coreto e banheiro da Praça Tiradentes



Fonte: Pereira, 2016.

Na imagem 3, observamos um homem que sai do banheiro localizado na estrutura do coreto. Ao irmos até lá verificar as condições do local não tivemos condições de adentrar no banheiro por conta do forte odor e da escuridão. Sobre o local, Vanda comenta: “Tem um banheiro ali, que era pra ser consertado ou quebrado, arrancado logo de uma vez, porque esse banheiro ali é podre e baixo, é horrível, incomoda a cidade toda de catinga”. Para ela, aquele lugar só serve para “coisas ruins” e os usuários de drogas aproveitam o local.

Sendo o único símbolo original da célebre Praça Tiradentes anterior ao início da década de 1990, o coreto atravessou o tempo e apresenta-se vinculado a uma série de representações, tomado como analogia da infância bela para quem carrega experiências que se remetem aos períodos anteriores quando o lugar possuía uma característica maior de área de recreação, mas também como problema em um contexto urbano caracterizado pela valorização comercial do lugar e, também, pelo problema das drogas, da falta da moradia e da insegurança. Embora não literalmente, o lindíssimo coreto, vívido e existente, na infância

de Wallace Cardoso, continua como a representação do local e ainda busca esse caminho por uma série de metáforas e experiências. Na confluência entre os dois tempos, vale analisar o seguinte trecho, extraído de uma reportagem do Jornal o Progresso:

A técnica em enfermagem Ana Lúcia não mora mais aqui em Imperatriz. De visita, lembra que parte da infância foi aproveitada com passeios de fins de tarde, principalmente aos domingos, na Praça Tiradentes. “Hoje venho visitar minha mãe e digo ao meu marido, que é nascido em Campinas-SP, que ali já foi um lugar de muita diversão, hoje tomado pelo camelódromo e, na parte que fica o coreto, apenas moradores de rua e o Terminal de Integração na frente. Gostaria que ainda fosse um espaço útil a todos para ser bem aproveitado no Dia da Criança” (O Progresso, 9 de outubro de 2015, grifos nossos)⁹.

Assim, observamos que as narrativas demonstram diferentes experiências e temporalidades para aquele lugar. Contudo, a produção de percepção sempre parte da descrição de uma situação em comparação a outra. Uma operação metafórica que serve como orientação nos diálogos, na percepção e no comportamento observado nos atores sociais do lugar. Nesse contexto, a praça pode ser compreendida em analogia aos diversos significados: do coreto, das experiências e valores do trabalho, da infância, das relações de amizade e trabalho estabelecidas naquele espaço.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Na busca para relacionar imagens, narrativas e metáforas, observamos que a variável temporal e a experiência foram elementos fundamentais na construção de significados que podiam ser próximos ou completamente diferenciados a respeito do mesmo objeto, como, por exemplo, o coreto e a própria Praça Tiradentes.

Verificamos que o processo metafórico iniciou-se desde o momento de nossa entrada em campo, quando buscamos alguma forma de segurança por meio do estabelecimento de relações analógicas entre as situações observadas e determinados referenciais que tendem a observar a cidade como organismo, como um corpo ou morfologias urbanas como a própria sociedade. Trata-se de um processo contínuo e constante, relacionado aos exercícios cognitivos de construção de conceitos a respeito da experiência vivida em relação à experiência lembrada.

A pesquisa histórica sobre o local foi um ponto de partida para a obtenção de informações que pudessem ser dialogadas com os antigos moradores do lugar. O diálogo sobre eventos como comícios, circos ou outros fatos que marcaram a história local gerava uma ruptura na linearidade do presente, exigindo um trabalho de memória por parte dos

⁹ Acessado em 20 de maio de <http://www.oprogressonet.com/cidade/praca-fez-parte-da-infancia-de-muita-gente/62070.html> 2018.

três primeiros informantes com que tivemos contato. Lembranças, nostalgias, relações de amizade e de vizinhança eram lembradas de forma sentimental e logo confrontadas com o distinto, cenário atual da Praça e da cidade.

Dessa forma, a operação metafórica foi desenvolvida com base em ideias da Praça que partem de uma experiência social e que possuem capacidade de construir uma percepção e estabelecer diálogos em termos de um conjunto de conceitos e significados para o referido local. Já os diálogos estabelecidos com os trabalhadores só podem ser compreendidos dentro dos últimos quinze anos, quando a Praça já havia sofrido uma série de mudanças urbanísticas que lhe conferiram outras características diferenciadas do lazer e da recreação de famílias, como era outrora.

As metáforas sobre a praça foram desenvolvidas pelos atores sociais com base nas relações e experiências construídas a partir daquele lugar, em relação a outros itinerários, condições e temporalidades. Isso porque alguns chegaram devido ao trabalho, e outros eram (e são) antigos moradores do local, sinalizando experiências e significados específicos a respeito do mesmo espaço físico. Já em um âmbito mais geral, verificamos que o logradouro também foi alvo de diferentes projetos urbanos e conflitos que evidenciavam diferentes concepções de cidade: para pessoas e para serviços e negócios.

De infâncias lindas ao trabalho cansativo, a história da praça pode ser compreendida como uma metáfora temporal que transita entre experiências de glamour e de precarização, demonstrando assim uma polissemia de significados em torno dela e um rico campo a ser explorado, em futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS:

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento** / Gaston Bachelard; tradução Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

DAMATA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6° Ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAWSEY, John C. Por uma antropologia benjaminiana: repensando paradigmas do teatro dramático. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 349-376, Oct. 2009.

GEERTZ, Clifford. Um Jogo Absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas de la vida cotidiana**. Colección Teorema, Ediciones Cátedra, 1986.

NOLETO, Agostinho. **O Portal da Amazônia**. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

SANCHES, Edmilson. Enciclopédia de **Imperatriz**. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003.

KOVECSES, Zoltán. **Metaphor, language, and culture**. DELTA, São Paulo, v. 26, n. especial, p. 739-757, 2010.

TURNER, Victor “Dewey, Dilthey, and Drama: an essay in the Anthropology of experience”. In TURNER, Victor e BRUNER, Edward M. (orgs). **The Anthropology of Experience**. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1986.

Recebido em 01 de julho de 2018.
Aprovado em 06 de dezembro de 2018.